

TATUAGEM, CORPO E LIBERTAÇÃO

UM BREVE ESTUDO ACERCA DA TATUAGEM COMO
FORMA DE EMPODERAMENTO FEMININO





Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação - Faac
Departamento de Design

TATUAGEM, CORPO E LIBERTAÇÃO

Um breve estudo acerca da tatuagem como
forma de empoderamento feminino

Giovanna Lavezo Pereira

Trabalho de Conclusão de Curso
Bacharelado em Design Gráfico

Bauru
2019



• **AGRADECIMENTOS** •



Gostaria de agradecer a todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para eu estar onde estou hoje.

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha família que sempre me deu suporte e, inclusive, me apoiaram a começar a tatuar.

Aos amigos que a tatuagem me trouxe, com quem trabalho e já trabalhei, em especial à minhas amigas e inspirações Amanda e Bruna, e toda a equipe do The Colors Tattoo, que sempre me incentivaram.

À meu orientador Dorival, por apoiar minha ideia desde o começo e clarear o caminho durante todo o processo.

À Taynara pelas fotos maravilhosas que me fizeram sentir incrível, e pude inclusive incluir no nesse projeto e por empoderar tantas mulheres também.

Também um grande agradecimento à todas as mulheres que contribuíram para o projeto, pelo instagram, respondendo às enquetes, e

principalmente as voluntárias Juliana Tokita, Manoela Roma, Maria Paula Nogueira, Wendy Mayra e Ana Lígia Souza por aceitarem eternizar parte desse projeto na pele.

Sem vocês o projeto não seria possível!

Sou muito grata a todos que participaram dessa caminhada e me ajudaram a crescer!

 • **RESUMO** • 

Trata-se de um projeto prático, investigativo e experimental, que busca relacionar a tatuagem com a libertação do corpo e como ela pode se tornar uma ferramenta de empoderamento feminino, pela perspectiva de uma designer e tatuadora.

Palavras-chave: tatuagem, empoderamento, Design, feminismo

This is a practical, investigative and experimental project that seeks to relate tattoo, body freedom and how it can become a tool of female empowerment, from the perspective of a designer and tattoo artist.

Keywords: tattoo, empowerment, Design, feminism

 · **ÍNDICE** · 

Agradecimentos	4	Tatuagem: Do Papel à Pele	38
Resumo	5	A Tatuagem Empodera?	48
Introdução	7	Conclusão	50
Uma breve abordagem acerca da história da Tatuagem	8	Bibliografia	51
A tatuagem no Brasil	10		
Corpo e Liberdade	15		
Objetivo e metodologia	18		
Desenvolvimento das ilustrações	19		
1 Uterus	20		
2 Venus	23		
3 Minerva	27		
4 A mulher e a Flora	30		
5 A mulher e a Fauna	33		
A escolha das voluntárias	36		

 · **INTRODUÇÃO** · 

Esse projeto consiste no desenvolvimento de uma série de 5 ilustrações, inspiradas nos conceitos de empoderamento, feminismo e sagrado feminino, para serem tatuadas. Busca-se relacionar a tatuagem à libertação do corpo e ao empoderamento feminino.

Têm-se também o intuito de destacar a evolução da participação feminina no mercado da tatuagem no Brasil. A tatuagem moderna, desde o princípio foi uma área exclusivamente masculina, tanto para o profissional (tatuador) quanto para o público. Enquanto os relatos de primeiro tatuador brasileiro profissional datam da década de 60, a primeira mulher reconhecidamente tatuadora só apareceu cerca de 20 anos depois. Apesar de tardia, a participação feminina cresceu exponencialmente nos últimos anos, o que ressalta a importância de destacar a atuação da mulher nesse mercado.

No decorrer deste relatório, é possível se observar as etapas do desenvolvimento do projeto, desde o contexto histórico e cultural da tatuagem, ideias e inspirações para as ilustrações, a escolha das voluntárias a serem tatuadas, opiniões de mulheres sobre o tema, até a tatuagem finalizada.

• Uma breve abordagem acerca da história da Tatuagem •

A tatuagem é uma forma de modificação corporal muito tradicional e antiga. Essa arte consiste na aplicação subcutânea de pigmentos por meio de ferramentas cortantes, atualmente, agulhas. O procedimento, considerado permanente em sua essência, durante muitos séculos, foi completamente irreversível, atualmente, porém, dispõe-se de ferramentas que possibilitam a remoção parcial ou até total da tatuagem.

Alguns dos primeiros registros históricos relacionados à tatuagem vem do Egito entre 4000 a 2000 a.C.. Também há registros dos nativos da Polinésia, Filipinas, Indonésia e Nova Zelândia (maori), que tatuavam-se em rituais ligados a religião. Os Ainu (povo indígena do norte do Japão) tradicionalmente tinham tatuagens faciais, assim como os aus-

tro-asiáticos. Múmias tatuadas foram recuperadas em cerca de 40 sítios arqueológicos, incluindo locais como Groenlândia, Alasca, Sibéria, Mongólia, China, Egito, Sudão, Filipinas e nos Andes.

Estudos de 2015, identificaram Ötzi como o exemplo mais antigo conhecido de múmia tatuada. O corpo foi encontrado em uma geleira nos Alpes Italianos, e datado de 3.250 a.C., e nele foram identificadas 61 tatuagens, dentre elas, algumas localizadas ou próximas de pontos que coincidem com os da acupuntura, que podem ter sido feitas para tratar doenças.

Além do uso em rituais religiosos ou de cura, a tatuagem serviria também como identificação de grupos sociais, marcação

de prisioneiros, e claro, ornamentação. Com o avanço do cristianismo, que condenava e proibia a prática da tatuagem, a tradição caiu em desuso no Ocidente.

Em 1769, o navegador inglês James Cook realizou uma expedição à Polinésia e registrou a tradição em seu diário de bordo: "(...) homens e mulheres pintam o corpo. Na língua deles, chamam isso de tatau. Injetam pigmento preto sob a pele de tal modo que o traço se torna indelével."

Em 1891, Samuel O'Reilly desenvolveu um aparelho elétrico para tatuar, baseado em outro aparelho muito parecido, criado e patenteado por Thomas Edison. A invenção da máquina elétrica de tatuagem popularizou e facilitou mais a prática, além de tornar o procedimento mais rápido.

Durante a Segunda Guerra Mundial a tatuagem popularizou-se muito. Soldados, marinheiros e pilotos tatuavam em seus cor-

pos nomes, símbolos e desenhos que os lembrassem de casa. Foi assim que a tatuagem, em sua forma ocidental moderna, chegou ao Brasil.

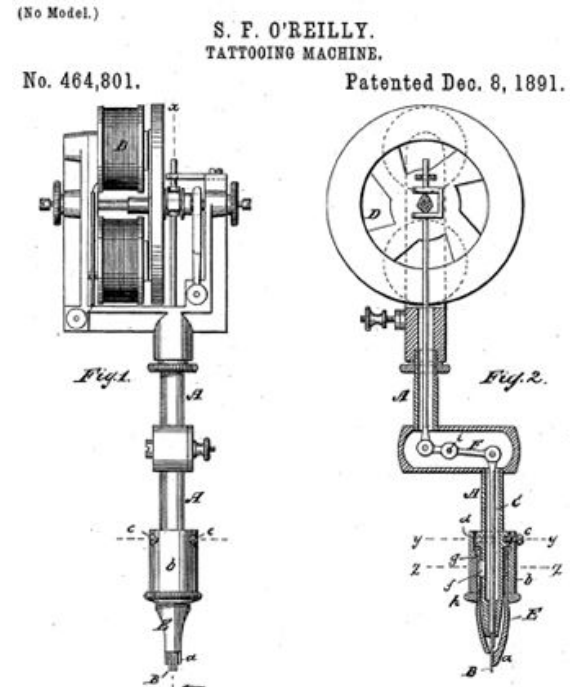


Figura 1: primeiro aparelho elétrico de tatuagem
Fonte: <http://donmedeiros.blogspot.com/2013/05/tatuagens-ancestrais-parte2.html>

• A Tatuagem no Brasil •

Povos indígenas

Assim como acontecia ao redor do mundo, os povos nativos brasileiros também desenvolviam a prática da tatuagem como características de sua cultura.

Daniel Lins, em sua publicação “A memória tatuada - epifania corporal da ordem comunitária” menciona os diversos significados e rituais em que a prática da tatuagem se fazia presente para determinadas tribos indígenas:

“A pintura no corpo e a tatuagem marcavam os momentos mais importantes da vida social e religiosa de algumas etnias de índios brasileiros, sobretudo os Tupinambá, Tabajara, Cabila, Guarani e Bororo: nascimento, entrada na puberdade, rituais religiosos, danças sagradas, culinária, medicina, erot-

ismo e, em alguns casos, canibalismo (...). A tatuagem fazia, por exemplo, parte do rito de passagem ou da iniciação na puberdade dos Gê, Tupi e Cabila. Já os Aueté e os Camarritura usavam a tatuagem como medicina ou magia com virtudes curativas. Os Cariba e os Guaná faziam da tatuagem um uso decorativo ou distintivo. A tatuagem, como decoração ou ornamento sexual, foi usada, notadamente, pelos Guaná e os Cadieue. Para os Bororo, uma boa cozinheira devia ter a mão tatuada. Mais ainda, a gastronomia bororo só atingia o ápice de sua qualidade de degustação quando preparada por uma mulher tatuada.” (LINS, 2001. p. 157-158.)

É importante ressaltar que o costume de fazer inscrições no corpo, superficiais ou

não, sempre foi uma característica forte na cultura indígena, não importando o sexo ou a idade. Assim como na cultura de outros povos nativos ao redor do mundo, mulheres e homens tatuavam e eram tatuados, sem discriminação.

A Tatuagem moderna no Brasil

No Brasil, a tatuagem moderna é uma arte muito recente. A prática foi introduzida no país pelo marinheiro dinamarquês Knud Harld Lucky Gregersen (mais conhecido como Lucky Tattoo), em meados da década de 60. Em 1975, o jornal “O Globo” fez uma matéria nomeando Lucky como “o único tatuador profissional da América do Sul.”

Lucky abriu sua loja nas proximidades do porto da cidade de Santos, onde na época era a zona de boemia e prostituição. Nas proximidades da loja, havia intensa circulação de imigrantes, muitas vezes bêbados, arruaceiros e envolvidos com drogas e pros-

titutas; o que contribuiu para a disseminação do preconceito e discriminação da atividade, além de um estigma de arte marginal que perdurou por décadas.



Figura 2: página de jornal homenageando Lucky
 Fonte: <http://www.melhordesantos.com/2012/01/lucky-tattoo-o-primeiro-tatuador-de.html>

Como pode-se compreender pelo contexto acima, os próprios homens já sofriam com o preconceito e a discriminação da atividade. Pode-se concluir que mulheres que tentavam atuar na área sofreram ainda mais, o que dificultou e atrasou ainda mais a participação da mulher na tatuagem moderna ocidental.

Essa exclusão, entretanto, não ocorria só no Brasil, mas no mundo ocidental como um todo. Já estávamos atrasados ao entrar nesse mercado, se compararmos à outros países ocidentais, como a Inglaterra, que teve o primeiro estúdio de tatuagem britânico aberto em 1889, ou até mesmo os Estados Unidos, que tem relatos de tatuadores profissionais desde os anos 20 (40 anos antes do Brasil). O aparecimento tardio da tatuagem moderna no Brasil, culminou no aparecimento mais tardio ainda das primeiras tatuadoras, o que só ocorreu quase 20 anos após o primeiro homem na área no país.

Hosanir Finotelli, mais conhecida como Medusa, foi quem abriu os caminhos para mulheres tatuarem profissionalmente no Brasil. Em entrevista ao Memórias do Brasil, Medusa conta:

“Foi um desafio né? A tatuagem não foi uma coisa vinda de sangue, de veia de artista não. Quando eu era novinha, eu fui fazer uma cirurgia do coração. O corte era aqui. Eu tinha vergonha, eu queria uma tatuagem para cobrir. Perguntei para o rapaz (tatuador) se existia alguma mulher que fazia e ele me disse que não. Que jamais uma mulher ia fazer, que mulher não presta pra tatuagem, que mulher jamais ia exercer. Eu falei: “não tem nenhuma no Brasil?” E ele disse que não. E eu respondi: “Então vou ser a primeira, porque eu conheço um monte de mulher que quer fazer coisas escondidas e não quer tirar a roupa para um homem!””

Em 1977, aos 20 anos, Medusa começou a tatuar em Brasília, onde está até hoje. Ela

afirma ter sofrido muito no começo, havia muita dificuldade para conseguir equipamentos, materiais e principalmente espaço no mundo, até então, masculino da tatuagem. Atualmente, após participar de inúmeros concursos de tatuagem como jurada, acompanhar momentos importantes da área no país e de ter recebido uma série de prêmios por honra por sua participação e contribuição para o mundo da tatuagem, Medusa diz enxergar sua contribuição na busca por respeito e oportunidade em áreas com preconceitos e estereótipos.

A tatuadora Renan Martelli Scafi, é outro exemplo de veterana na área. Ela começou a tatuar em 1999, e afirma que também sofreu muito preconceito:

“No começo foi muito difícil pra mim, pois o preconceito com mulheres era enorme, eu me oferecia para trabalhar com ajudante e faxineira do estúdio em troca de conhecimento, mas nunca me aceitaram ou passaram

algum tipo de conhecimento, inclusive sofri muito para ter acesso a materiais de tattoo. Chegavam a vender gotas de tinta para mim em batoques (pequenos recipientes para se colocar tinta de tatuagem). Mas nunca desisti, e depois de treinar por um ano, abri a Angel’s Tattoo Art em Campinas. E em 2005 com minha sócia Fabiana Menezes, abrimos o Angel’s Tattoo School (uma escola de tatuagem, piercing, dermopigmentação, anatomia e fisiologia da pele e biossegurança) que forma profissionais completos, pois senti na pele a necessidade de aprender corretamente e com orientação essa arte.”

Re, como prefere ser chamada, também relatou sofrer preconceito até por seu nome, Renan “ (...) muitas pessoas acham que sou transexual, não conseguem entender que na França Renan é nome feminino, assim como Andrea na Itália é nome masculino.”

Apesar da dificuldade no início, Re também reconhece que a situação para mulheres na área está melhorando. Após Medusa e Re, mais inúmeras mulheres conseguiram conquistar seu espaço no mundo da tatuagem, e essa atuação feminina cresce ano a ano.

Em números, faltam dados mais completos, não há um órgão, instituição ou grupo que já tenha elaborado pesquisa a fundo sobre o tema. Entretanto, obtivemos alguns poucos dados de eventos de tatuagem: como por exemplo o censo realizado no Bh Tattoo Festival (evento de tatuagens que acontece na cidade de Belo Horizonte) de 2017, que estimou que cerca de 30% dos profissionais que tatuam são mulheres na capital mineira e que esse número pode crescer para até 45% se considerarmos todo o território nacional.

Atualmente muitos estúdios inclusive trabalham com uma equipe de profissionais exclusivamente feminina, como ocorre no

Sampa Tattoo, em São Paulo, no Lady Duck, no Rio de Janeiro, no Blush, em Santos, no Artemis Ink, em Curitiba, e no Cadê Amélia, em Porto Alegre. Ideias como essa fortalecem ainda mais as mulheres na área, chamam atenção a causa e estreitam ainda mais a relação com o público feminino.



• CORPO E LIBERDADE •



Há séculos o corpo feminino é considerado um tabu. Repressão, objetificação, hiperssexualização são apenas alguns dos problemas que cerceiam esse tema. A liberdade feminina sobre seu próprio corpo parece indesejada e perigosa, aos olhos da sociedade, principalmente sob o julgamento cristão, porém mostra-se justamente o contrário caso seja de interesse dos homens.

Para Grisci, 1994, p 34 **“Nesta sociedade patriarcal, alicerçada na propriedade privada, a família e a superioridade masculina, além da natureza feminina que possibilita a reprodução, transformaram as mulheres em elementos de exploração e opressão”.**

A repressão social ao corpo feminino não caracteriza-se como uma regra natural ou

biológica, visto que há relatos de sociedades matriarcais anteriores à origem da propriedade privada, nas quais a figura feminina detinha o poder por ser considerada a única detentora dos meios de reprodução. Sendo assim seu corpo era considerado algo divino ou sagrado.

Nas civilizações mais antigas, embora não seja uma idéia unânime entre antropólogos e historiadores, a sociedade era matriarcal. **“Caracterizava-se como um sistema organizado e dirigido por mulheres, na qual a maternidade, considerada um dom da natureza, imbuía-as de poder.”** (GRISCI, 1993, p. 33).

O filósofo francês Michel Foucault, em seu livro “A vontade de saber” (1986), primeiro volume da História da Sexualidade,

cita pela primeira vez o termo “biopoder”. Segundo ele, o biopoder trata-se de uma prática dos estados modernos de regulação dos que a ele estão sujeitos por meio de uma “explosão de técnicas numerosas e diversas para obter a subjugação dos corpos e o controle de populações”, ou seja o Estado como órgão central do poder, teria direito de controlar o indivíduo, suas coisas, seu corpo, sua vida e, em última instância, sua morte.

Podemos relacionar esse conceito, ao fato de que nas sociedades modernas de forma geral, o corpo feminino tem sido alvo de opressão e dominação masculina, pela sociedade patriarcal. Mulheres africanas têm seu clitóris mutilado, muçulmanas são censuradas, proibidas de exibir seu corpo inclusive o rosto, mulheres asiáticas são subjugadas como escravas ou prostitutas. Mesmo em países que aparentam uma sociedade mais liberal e igualitária o julgamento e opressão ao corpo e a liberdade feminina ocorre.

Por outro lado a exploração do corpo feminino em publicidade sexualizada ou na indústria pornográfica cresce exponencialmente. É como se o corpo da mulher pode ser livre de censuras apenas quando isso é uma decisão da sociedade, em particular, do homem, ou quando atende a seus interesses.

As mulheres são expostas diariamente a toneladas de publicidade sobre o “corpo ideal”, padrões estéticos são impostos pela sociedade, e excluem quem não se encaixe. A autoimagem é deturpada propositalmente por padrões irreais e inalcançáveis. Insatisfeitas e deslocadas, o corpo é visto como motivo de vergonha.

Assim como escreve a publicitária Lilianny Samarão no artigo “O espetáculo da publicidade: a representação do corpo feminino na mídia”, **“o corpo da mulher foi submetido a um ritmo acelerado – e padronizado – de mudanças, seja nos padrões, nas medidas, nos estilos, nas épocas históricas. O corpo é**

o efeito dos discursos que dão consistência simbólica à vida social. (...) O corpo virou o capital da mulher no século 21”

A sociedade contemporânea valoriza a imagem e o tempo imediato. O corpo e sua subjetividade adquirem papel importante na construção da autoimagem e da individualidade.

Atualmente, observa uma tendência de proliferação de produtos, tecnologias específicas dirigidas ao embelezamento do corpo (Sant’anna, 2000). Ocorre uma valorização e exploração do mesmo. Esse culto ao corpo que rompe com o passado de restrições e tabus (religiosos e morais) é, segundo Sant’anna, parte de um movimento mais amplo de liberação progressiva, resultando na emergência de novas experiências de subjetividade. As modificações corporais se fazem cada vez mais presentes, nesse ponto inclui-se a tatuagem.



• OBJETIVO E METODOLOGIA •



O projeto tem como objetivo principal comentar e analisar as relações entre corpo feminino, autoimagem, liberdade, empoderamento feminino, e a tatuagem como uma das ferramentas para tal empoderamento, por meio da autoaceitação e da melhora da autoimagem.

Além de comentar a crescente participação da mulher no mercado da tatuagem no Brasil, a pesquisa também visa estreitar relações entre as mulheres que fazem parte desse mercado. Sendo elas tatuadoras ou clientes, durante o processo da tatuagem.

No âmbito de enaltecer a presença feminina na tatuagem, entrei em contato com tatuadoras que se interessavam em participar, conversar sobre temas relacionados

à feminismo, arte, preconceito, assédio e temas gerais relacionados a mulheres nesse mercado, buscando opiniões e dicas de abordagem.

Também procurei mulheres interessadas no assunto, que pudessem disponibilizar-se como pele para serem tatuadas com as ilustrações que foram desenvolvidas durante o decorrer da pesquisa. A tatuagem em si não foi o produto final do projeto, mas sim um meio de comunicar as ideias aqui mencionadas, e ouvir opiniões e histórias, que contribuíram para a composição de uma conclusão.

Ao decorrer da explicação da metodologia, será descrito o processo para encontrar e escolher essas mulheres.



• DESENVOLVIMENTO DAS ILUSTRAÇÕES •



A ideia inicial para o desenvolvimento das ilustrações foi norteá-las por temas específicos, porém que conversassem entre si. Foi feito um brainstorm com ideias relacionadas a conceitos como “sagrado feminino”, “empoderamento feminino”, “representatividade”, “misticismo”, além de apontar temas mais específicos como a relação da mulher consigo mesma, com o meio externo, com o cosmos. Também tomou-se por base ideais como questionar o papel da mulher na sociedade, valorizar a figura feminina, relacionar a figura feminina ao misticismo e ao poder.

Decidiu-se por manter a ideia de 5 ilustrações. Os temas finais foram definidos após uma análise do brainstorm, e assim optou-se por um tema único e dois pares de temas complementares.

- A primeira ilustração desenvolvida, foi chamada **Uterus**, por ser o primeiro rascunho, o início da vida, representando o sagrado feminino, a relação da mulher consigo mesma, autoconhecimento;

- As ilustrações II e III são o primeiro par de complementares: deusas importantes para a cultura romana, representando o empoderamento e valorização feminina, o misticismo, o poder e o “papel” da mulher na sociedade (discutido na análise individual das ilustrações). As deusas escolhidas foram **Venus** e **Minerva**

- As ilustrações IV e V compõe o segundo par de complementares, respectivamente, **A Mulher e a Flora**, e **A Mulher e a Fauna**. Esse par de temas complementares, por sua vez, representa a relação da mulher com o meio externo, com a natureza e com o cosmos.

• UTERUS •

Uterus, a versão em latim da palavra “útero” foi idealizada para remeter à origem, ao início. Foi a primeira ilustração a idealizada e desenvolvida, dando origem à série de ilustrações e tatuagens.

Nessa ilustração , buscou-se explorar mais a parte simbólica do que anatômica do órgão. O representa o centro da criação da vida, o centro de energia onde pulsa o feminino, a fertilidade e sexualidade feminina. Ele é um dos símbolos do Sagrado Feminino, representando o poder da criação da natureza. O início e a fonte, a origem da vida.

Inicialmente buscou-se desenhar apenas o órgão de maneira minimalista (como vemos na figura 3), porém com o desenvolvimento dos rascunhos, houve a fusão com a ideia de

composições florais. O intuito era destacar os conceitos “florescer”, “fertilidade”, “vida” e “delicadeza”. Assim como o útero, a Primavera também representa os mesmos conceitos, o começo de um novo ciclo, um “nascimento”. Assim compôs-se o útero floral.

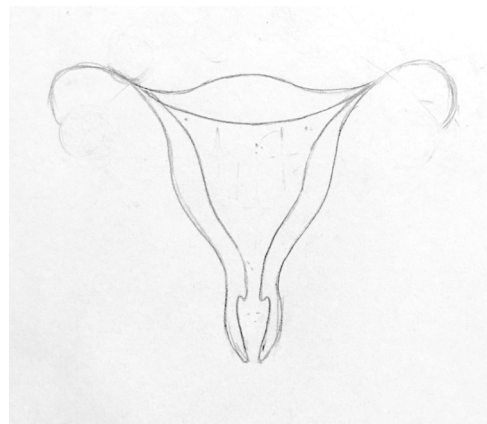


Figura 3: rascunho da ilustração “Uterus”
Fonte: acervo da autora

• UTERUS •

Por último, integrou-se a ideia, as fases da lua (como podemos observar na figura 4). Desde a antiguidade, culturas ancestrais acreditavam na maior interação da mulher com a natureza. Com base em um conhecimento empírico passado de geração a geração, estabeleceu-se uma forte ligação da lua e suas fases com o feminino. Nesse aspecto, a Lua foi interpretada como representante dos estados da alma, dos valores do inconsciente, das emoções e do psiquismo, da receptividade, sensibilidade, fertilidade, inspiração e intuição. As fases lunares, presentes na ilustração, representam aspectos psicológicos e estágios de transformação que acompanham a trajetória mensal e anual da vida da mulher, além de de remeter novamente a relação da mulher com a natureza, e seu lado místico e sensitivo.

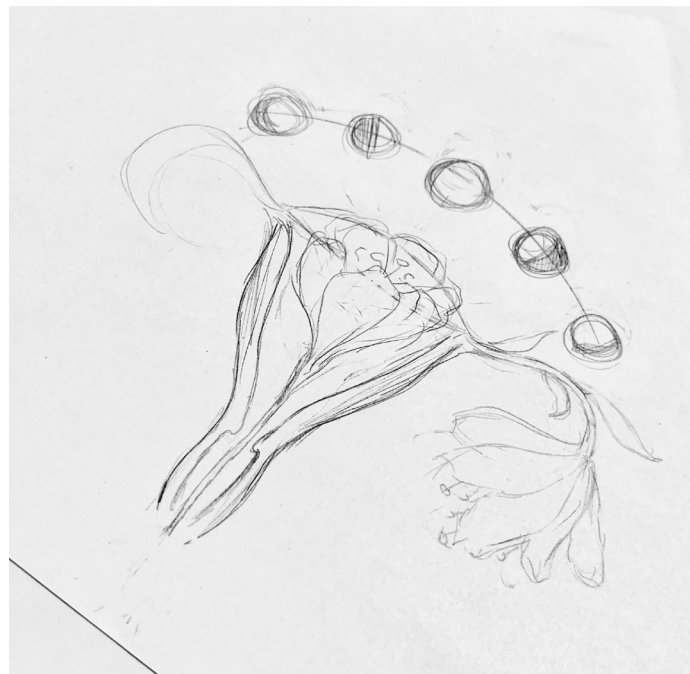


Figura 4: rascunho da ilustração “Uterus”
Fonte: acervo da autora

• UTERUS •

Com a fusão desses conceitos e ideias, aperfeiçoou-se a ideia inicial e compôs-se a ilustração final, apenas em linhas, aplicada na pele. Optou-se pela ilustração final com acabamento apenas em linhas, pois os detalhes finais como sombras e texturas, são adicionados somente na hora da tatuagem.



Figura 5: decalque da ilustração "Uterus"
Fonte: acervo da autora

• VENUS •

A segunda ilustração desenvolvida foi a Venus. A inspiração original para a ilustração foi a obra “O Nascimento de Venus” (La Nais-sance de Vénus), de William-Adolphe Bouguereau pintada a óleo, em 1879. A tela mede 300 cm por 218 cm e encontra-se atualmente em exposição no Museu de Orsay em Paris. A pintura original é uma representação clássica do nascimento da deusa romana do amor e da beleza. Bouguereau por sua vez, era o arquétipo da pintura acadêmica francesa. Nessa obra, faz-se uma homenagem ao Nascimento de Venus de Sandro Botticelli, ao Triunfo de Galateia de Rafael e à Vênus Anadiômene, de Jean-Auguste-Dominique Ingres.

Figura 6: O Nascimento de Venus de William Bouguereau
Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Nascimento_de_V%C3%AAnus_\(Bouguereau\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Nascimento_de_V%C3%AAnus_(Bouguereau))



• VENUS •

Em uma breve análise da obra, percebe-se que a pose de Vênus é assimétrica, propositalmente, para seguir a obra de Botticelli. No entanto, ao contrário da deusa de Botticelli, a Vênus de Bouguereau não assume uma pose púdica, com as mãos escondendo a região púbica e os seios, neta obra, Vênus



Figura 7: O Nascimento de Venus de Sandro Botticelli
Fonte: <https://santhatela.com.br/sandro-botticelli/botticelli-o-nascimento-de-venus/>

aparece em uma pose mais erotizada, sem vergonha alguma de sua nudez. O olhar baixo representa a modéstia da deusa por sua beleza. A pose de Vênus, com os braços erguidos, é uma referência à Vênus de Ingres.

Os querubins no céu, que encaram a deusa com admiração, lembram os de Rafael, na obra Triunfo de Galateia. Como na maior parte da obra, o fundo é apenas esboçado, para realçar a proeminência da figura principal.



Figura 8: Venus Anadyomene de Jean-Auguste Dominique Ingres
Fonte: http://www.allposters.com.br/-sp/Venus-Anadyomene-posters_i2583295_.htm



Vênus é a deusa da beleza, do amor e da sexualidade na Mitologia Romana, equivale a deusa Afrodite da Mitologia Grega. Segundo o mito, Vênus era o ideal de beleza feminina. Foi uma das deusas mais veneradas da antiguidade.

Com o passar do tempo, e com a substituição da religiosidade matrifocal pela patriarcal, Venus passou a ser vista como uma Deusa frívola e promíscua, como resultado de sua sexualidade liberal. Parte dessa condenação a seu comportamento veio do medo humano frente à natureza incontrolável dos aspectos regidos pela Deusa do Amor.

Apesar de algumas vertentes feministas criticarem a associação à Venus, por estereotipar o comportamento feminino, como se

a ideia de amor e beleza fossem intrínsecas à mulher, como cita a autora Liv Stromquist em seu livro *A Origem do Mundo*, entre outras autoras, a pesquisa tem uma outra abordagem do tema. O intuito é destacar Venus como uma figura feminina muito venerada, que teve sua imagem subvertida pela religiosidade patriarcal. Busca-se valorizar também a sexualidade e liberdade feminina por meio do corpo, livre de medos e pudores.

• VENUS •

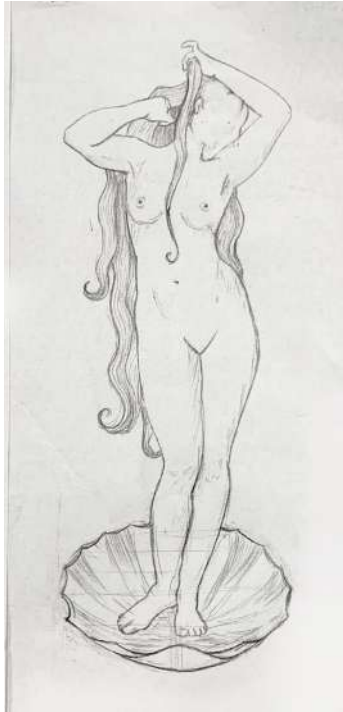


Figura 9: rascunho da ilustração “Venus”
Fonte: acervo da autora

Na Figura 9 podemos observar o rascunho inicial da ilustração, e a seguir, na Figura 10 a ilustração (sem sombreamento, só com as linhas de base) já aplicada na pele da voluntária, para teste.

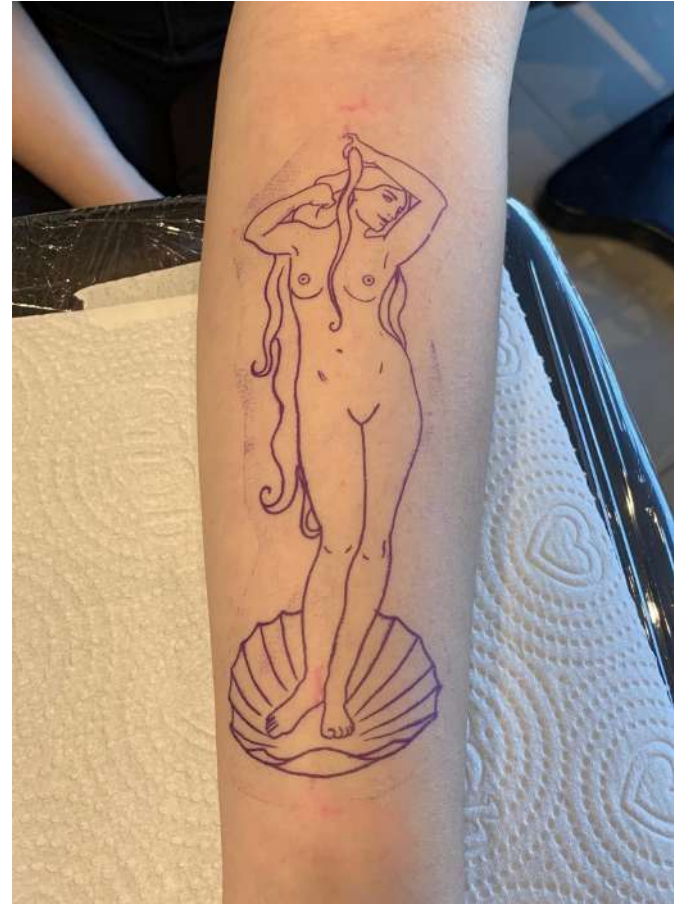


Figura 10: decalque da
ilustração “Venus”
Fonte: acervo da autora

• MINERVA •

Minerva era a deusa romana da sabedoria, das artes e das estratégias de guerra, considerada pelos romanos a deusa da excelência, da misericórdia e da pátria. A deusa também era padroeira dos artesãos e símbolo da engenharia.

Segundo o mito, seu pai Júpiter, após engolir a deusa Métis (Prudência), pediu a Vulcano que abrisse sua cabeça com o seu machado, para acabar com a dor de cabeça que ele sentia. Da cabeça de Júpiter saiu Minerva já adulta, revestida por uma armadura. A deusa era representada nas estátuas com uma beleza simples, com expressões mais sérias, de força e nobreza, geralmente, portando um escudo e uma lança.

Figura 11: Estátua da Deusa Atena, em Atenas Grécia
Fonte: <https://hiveminer.com/Tags/pallasathena>



• MINERVA •

Assim como Venus, Minerva era outra figura feminina muito importante na mitologia romana, simbolizando a força, inteligência e criatividade.

Nessa ilustração buscou-se valorizar a mulher guerreira (literal e figuradamente), a força, a coragem, a imponência e o poder feminino.

Ao lado podemos observar alguns dos primeiros rascunhos da ilustração de Minerva, representada com lança e escudo.



Figura 12: rascunho da ilustração “Minerva”
Fonte: acervo da autora

• MINERVA •



Na ilustração, optou-se por não representar Minerva de corpo inteiro, para valorizar o rosto e os objetos que carrega. Ela aparenta uma feição mais séria e empoderada, e a gálea (capacete utilizado pelos soldados romanos e alguns gladiadores) se faz presente para representar a cultura romana, diferenciando-a de Atena.

Na figura 13, temos a ilustração final (apenas linhas de base) aplicada à pele, optou-se por espelhar o desenho para melhor encaixe com o corpo.

Figura 13: decalque da ilustração “Minerva”
Fonte: acervo da autora



• A MULHER E A FLORA •



A quarta ilustração funciona em paridade com a quinta ideia. O conceito desse par de ilustrações é relacionar a mulher à natureza, nesse caso, a flora. Por meio dessa ilustração, buscou-se transmitir a ideia de reconectar a mulher à suas origens, sua raízes, à natureza.

A ideia inicial foi representar a mulher brasileira, dessa vez, de forma mais abstrata, em meio à uma vegetação típica do país. Inicialmente pensou-se em plantas como Mandacaru, Ipê, Cajueiro. Porém acabamos optando pela Pitanga, pela beleza de suas flores, frutos e folhagens, esteticamente interessantes para a aplicação na tatuagem.



Figura 14: flor da Pitanga
Fonte: <http://abismoobserva.blogspot.com/>



• A MULHER E A FLORA •



A pitanga é uma árvore nativa da Mata Atlântica brasileira. É um fruto que não é produzido comercialmente, por ser muito sensível e fragil, danificando-se facilmente com o transporte. Apesar disso, é amplamente apreciado no Brasil e cultivada tradicionalmente em quintais domésticos.

Segundo a nutricionista, terapeuta holística e astróloga, Juliana Luz, algumas a pitanga pode ser considerada poderosa para a nutrição energética da mulher, por “fortalecer o ponto energético umbilical, permitindo que a mulher se conecte a essência feminina, nutrindo a energia da criatividade, entusiasmo e autoestima.”

Figura 15: Pitanga

Fonte: <https://guiadocorpo.com/pitanga-beneficios/>

• A MULHER E A FLORA •

Na imagem 16 podemos observar um dos primeiros rascunhos da ideia, que ainda sofreu modificações posteriores.



Figura 16: rascunho de A Mulher e a Flora
Fonte: acervo da autora

Já na imagem 17 temos a ilustração finalizada aplicada à pele.



Figura 17: decalque de A Mulher e a Flora, espe-
lhado para melhor encaixe no corpo
Fonte: acervo da autora



• A MULHER E A FAUNA •



A quinta e última ilustração desenvolvida para o projeto funciona em paridade com a ideia anterior. Essa em específico, busca conectar a mulher aos seus instintos, ao ser selvagem, representado pela cobra, que também representa a fauna.

A Mulher e a Fauna busca também explorar uma vertente mitológica. A inspiração temática e visual para essa ilustração foi a obra Lilith, do pintor inglês John Collier, pintada à óleo em 1887.



Figura 18: “Lilith” de John Collier
Fonte: <https://www.brandsupply.com/contests/logo/design-a-logo-for-an-allready-world-wide-known-organisation-for-women/designs/22627>



• A MULHER E A FAUNA •



Segundo tradições hebraicas, pergaminhos babilônicos e até vestígios na própria Bíblia, a primeira mulher de Adão não teria sido Eva, mas sim Lilith. No primeiro capítulo do livro Gênesis (que faz parte da Torá e da Bíblia) é dito que Deus criou “homem e mulher” à sua imagem e semelhança. Logo no capítulo seguinte, somente Adão é mencionado. Eva surge a partir da costela de Adão e é nomeada apenas no terceiro capítulo, vista como a primeira mulher legítima, por se adequar ao estereótipo de mulher para a época, bondosa, matriarcal e submissa. Essa inconsistência sugere que parte do texto tenha sido editada ou removida.

Segundo tradições, Lilith foi criada a partir da poeira junto a Adão, portanto, antes de Eva. Ela teria se negado a deitar-se sob

Adão, por não se sentir inferior e, em protesto, abandonou o Éden. Segundo o antigo folclore judaico, Lilith rebelou-se contra a “superioridade” masculina de Adão, o que a tornou uma figura problemática para o catolicismo e o judaísmo.

Por muito tempo Lilith foi considerada como um “demônio”, relacionada à pestes, mal estar e à morte, pelas religiões patriarcais, afinal, uma figura feminina rebelde, que não aceitasse a superioridade masculina deveria ser veemente repreendida. Ela, inclusive, é relacionada ao demônio feminino que assumiu a forma de serpente e influenciou Eva a provar o fruto proibido, que condenou-a juntamente com Adão a serem expulsos do paraíso, e assim foi imposto à mulher o fardo do primeiro pecado da humanidade.



• A MULHER E A FAUNA •



Na época contemporânea, surge uma nova interpretação da imagem de Lilith, que deixa de ser um “demônio feminino maligno” para se tornar, um símbolo de libertação, irreverência, independência, coragem e sensualidade. Essa alteração ocorreu entre intelectuais de origem europeia no século XIX, e é perceptível na obra de Collier.

Foi sob essa visão moderna desenvolveu-se a ilustração.



Figura 19: rascunho de A Mulher e a Fauna
Fonte: acervo da autora



Figura 20: decalque de A Mulher e a Fauna aplicado a pele
Fonte: acervo da autora



A ESCOLHA DAS VOLUNTÁRIAS



A plataforma digital utilizada para divulgação do projeto foi o Instagram. Optou-se por essa plataforma por possibilitar um contato mais próximo e mais direto com o público feminino interessado em tatuagem. O perfil comercial @giovannalavezo foi criado há 3 anos, com o intuito de divulgar ilustrações e, posteriormente, tatuagens autorais. Conteúdos feministas, sobre arte, e imagens sobre bastidores da criação e da tattoo, são divulgados diariamente. Esse conteúdo resultou em um público majoritariamente feminino e jovem (73% do público eram mulheres, em sua maioria de 18 à 34 anos).

Nos gráficos da figura 21 podemos analisar estatísticas mais detalhadas.

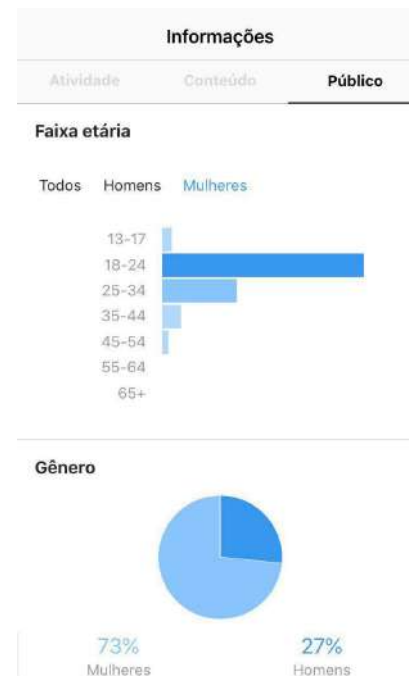


Figura 21: gráficos obtidos pelo Instagram
Fonte: acervo da autora



• A ESCOLHA DAS VOLUNTÁRIAS •



O projeto foi divulgado por meio dos stories (postagens rápidas que duram 24h no perfil). Iniciou-se a pesquisa com a enquete **“Você se identifica com o movimento feminista, apoia e/ou defende as causas?”** Homens e mulheres podiam participar. As opções eram “SIM” (549 votos) ou “NÃO” (15 votos).

A segunda enquete realizada foi **“Você teria interesse em fazer uma tatuagem relacionada ao tema (por um valor apenas simbólico para cobrir os custos)?”** As opções, novamente, eram “SIM” (405 votos) ou “NÃO” (21 votos).

A próxima etapa foi solicitar que quem se interessasse pelo projeto, enviasse um e-mail contendo:

- Nome
- @ no instagram
- Cidade
- Parte do corpo disponível para ser tatuada

Sessenta e oito mulheres enviaram e-mail demonstrando interesse. Alguns dos quesitos para escolha das mulheres a serem tatuadas foram:

- engajamento com o feminismo
- diversidade de etnias, faixa etária e ocupação (profissão/formação)

No tópico seguinte, serão comentado alguns aspectos sobre as mulheres selecionadas e suas respectivas ilustrações/tatuagens.



• TATUAGEM: DO PAPEL À PELE



UTERUS

A primeira ilustração a ser desenvolvida e também a primeira a ser tatuada. A voluntária a tatuar Uterus foi Juliana Tokita. Formada em Letras, também pela UNESP, Juliana também desenvolveu seu tcc com uma abordagem feminista e de valorização da mulher, com o tema “A mulher na mitologia e dramaturgia irlandesa: o feminino no mito de Deirdre, em peças de John M. Synge e Vincent Woods”. Juliana tem 37 anos e atualmente ministra aulas de inglês. Mantém-se muito engajada com o movimento feminista, principalmente pelas redes sociais. Interessou muito pelo projeto, e disse estar disposta a qualquer tattoo, mas tinha um carinho especial pela ilustração Uterus, e foi uma das primeiras a enviar um e-mail demonstrando interesse.



Figuras 22 e 23: tatuagem "Uterus"
Fonte: acervo da autora



• TATUAGEM: DO PAPEL À PELE •



VENUS

A segunda ilustração a ser desenvolvida (porém terceira a ser tatuada, pela disponibilidade das participantes) foi Venus. A voluntária selecionada foi Maria Paula Nogueira Neves. Maria tem 20 anos, cursava psicologia, porém teve de interromper os estudos para trabalhar e, atualmente, trabalha como logista. Durante a tatuagem, Maria contou que conheceu o movimento feminista por meio de conversas com amigas, mas que já se identificava o conceito nas atitudes do dia a dia, antes mesmo de saber o que era. Afirmou passar por várias experiências traumáticas de assédio, e firma “a luta é diária”. Segundo ela, interessou-se pela ilustração pela “liberdade do corpo de Venus, e todo o significado que carrega”.



Figuras 24 e 25: tatuagem "Venus"
Fonte: acervo da autora



• TATUAGEM: DO PAPEL À PELE •



MINERVA

Minerva foi a terceira ilustração a ser desenvolvida, porém segunda a ser tatuada (devido à disponibilidade das participantes). A voluntária a tatuar Minerva foi Manoela Roma. Manoela tem 23 anos é formada em Medicina Veterinária, também pela UNESP, e atualmente faz pós graduação. Ela conta que desde criança sempre foi incentivada a estudar, trabalhar e ser independente, cresceu no meio do esporte, com a maioria dos amigos sendo meninos e ensinou-os a respeitá-la e tratá-la como igual. Profissionalmente, Manoela escolheu uma área inicialmente muito masculina, mas que atualmente, a maioria das estudantes são mulheres. Interessou-se pela ilustração pela ideia da guerreira, da coragem e força que ela transmite.



Figuras 26 e 27: tatuagem "Minerva"
Fonte: acervo da autora



• TATUAGEM: DO PAPEL À PELE



A MULHER E A FLORA

A última ilustração a ser desenvolvida no projeto foi A Mulher e a Flora. A tattoo foi feita na Wendy. Com 23 anos, e atualmente trabalhando como assistente de telemarketing, Wendy contou que seu primeiro contato com o feminismo foi antes mesmo de saber nomeá-lo, com o empoderamento das mulheres que participaram da sua infância. Após sofrer um abuso aos 12 anos, não se calou, busco ajuda e engajou-se ainda mais com a causa online e offline, para Wendy, o feminismo funcionou e ainda funciona como uma rede de apoio. Interessou-se pelo projeto logo de cara, e mostrou-se muito aberta a conversar sobre sua visão a respeito do tema.



Figuras 28 e 29: tatuagem "A Mulher e a Flora"
Fonte: acervo da autora



TATUAGEM: DO PAPEL À PELE



A MULHER E A FAUNA

A Mulher e a Fauna foi a última ilustração a ser tatuada, encerrando o projeto. A voluntária Ana Lígia interessou-se especificamente pela história de Lilith, por isso escolheu essa ilustração. Ana tem 25 e trabalha em um hospital como recepcionista. Durante sua tattoo, conversamos muito sobre relacionamentos abusivos pelos quais passamos e sobre a visão negativa que a sociedade tem da “mulher de atitude”, relacionando assim ao tema retratado no desenho. Ana comentou que ao presenciar situações de assédio e agressão à pessoas tão próximas, busca dia a dia conversar com amigas e pacientes sobre pautas feministas, incentivando a denúncia e oferecendo qualquer tipo de ajuda possível.



Figuras 28 e 29: tatuagem "A Mulher e a Fauna"
Fonte: acervo da autora



A TATUAGEM EMPODERA?



Com o objetivo de verificar a os conceitos discutidos no projeto, após o término das tatuagens foi realizada uma enquete no Instagram com a seguinte pergunta: **“Voce acredita que a tatuagem pode ser uma ferramenta para empoderar mulheres?”**

Obtivemos 600 votos para “SIM” e 16 votos para “NÃO”, tendo homens e mulheres participando da pesquisa. Os votantes foram convidados a justificar suas respostas, caso tivessem interesse. Obtivemos muitas respostas interessantes, transcritas abaixo.

“Acho que a tattoo vira um acessório muito valioso pra auto estima, principalmente para as mulheres insatisfeitas com sua imagem, que podem passar a gostar de exibir mais

seus corpos quando tatuam uma imagem da qual se orgulham.”

“Falando por experiência própria, empodera demais, sem contar o tanto que melhora a auto-estima né, passei a amar mais meu corpo depois que comecei a encher ele de rabisquinhos .”

“Nossa, concordo total. Nosso corpo é uma coisa da qual temos um controle muito limitado, ele sempre vai ter marcas e formas que destoam do que a sociedade impõe. Acho que a tatuagem é uma baita ferramenta no processo de amar o corpo que habita, ela possibilita que a gente escolha nossas próprias marcas, ressignifique, se aproprie do nosso próprio corpo, que é uma coisa historicamente arrancada de nós.”



• A TATUAGEM EMPODERA? •



“Concordo sim , porque através da tatuagem podemos representar passagens muito importantes das nossas vidas ou simplesmente se sentir mais bonitas e poderosas.”

“Tenho certeza que se eu não tivesse feito minhas tatuagens odiaria o meu corpo de uma forma muito violenta.”

“Como muitas das tatuagens que fiz representam momentos que passei, ao olhar pra elas marcadas em meu corpo, me serve como um amuleto, que me lembra do que superei, de realizações, de fases que me fizeram crescer... e no meu caso me motiva a continuar buscando o melhor de mim, meus objetivos, e principalmente a me lembrar que sou forte e capaz. Quer maior empo-

deramento do que cultivar o amor próprio?!”

“Acho que o corpo pode ser visto como uma tela e que a tatuagem é uma arte que representa nossos gostos e opiniões, sem que tenhamos que dizer sequer uma palavra. As tatuagens dizem muito, muito sobre as pessoas. E no caso pra mulher, pelo menos pra mim, é um jeito lindo de dizer que sou assim, minha essência é essa e ninguém vai tirar de mim. Porque tá na minha pele. E é muito meu e só meu, o meu corpo .”

“Mais uma forma de mostrar que quem manda no corpo da mulher é ela mesma, não os homens nem a sociedade”



• **CONCLUSÃO** • 

Desde início, tinha a certeza de queria abordar o tema tatuagem. Comecei a tatuar durante a faculdade e seria muito especial para mim, tratar do assunto. Durante o processo, o projeto sofreu modificações, assim incluiu-se a abordagem relacionada ao empoderamento feminino. O principal intuito era tratar de uma realidade vivida por mim mesma e várias outras mulheres, buscando valorizar a mulher na tatuagem, e empoderar outras mulheres por meio dela.

As pesquisas desenvolvidas durante o projeto me deram suporte para falar mais sobre a história da mulher nesse mercado e inspiração para criar novas ilustrações. Ao me propor a desenvolver 5 ilustrações maiores, detalhadas e conceituais, enriqueci meu portfólio, o que me motivou a produzir mais e, conseqüentemente, receber mais propostas de tatuagens com a mesma temática.

O diálogo com as voluntárias foi enriquecedor. Conversei com mulheres de realidades e vivências muito diferentes, conectadas por um tema em comum: ser mulher e suas lutas. Mulheres incríveis nas quais pude deixar um pouco da minha arte. As opiniões obtidas após a enquete realizada pelo Instagram confirmaram ainda mais que os conceitos abordados no projeto são realidade para muitas mulheres, reafirmando um significado bem mais profundo e positivo da tatuagem.

Apesar das dificuldades que ocorreram durante o processo, foi um projeto extremamente gratificante, que contribuiu para uma evolução pessoal e profissional enorme para mim. Minha intenção é motivar mulheres e conscientizá-las de sua grandeza, principalmente por meio da arte, fazendo algo que amo e embelezando seus corpos. Espero que de alguma forma esse projeto tenha sido útil a esses propósitos.



• **BIBLIOGRAFIA** • 

AGUIAR, Helder de Souza; CALDEIRA, Renan; SILVA, Rafaela Saghabi de Medeiros; MACEDO, Priscilla. Tatuagem: um estudo exploratório sobre seus consumidores. VI Conferencia Brasileira de Estudos em Comunicação e Mercado. São Paulo. 2016. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/311734631_Tatuagem_um_estudo_exploratorio_sobre_seus_consumidores> Acesso em 24/04/19

FILGUEIRA, Ana Paula Santana; Bueno, Almir de Carvalho. VÊNUS: UMA DEUSA NÃO SÓ DO AMOR. XXVII Simpósio Nacional de História, Natal, 2013.

History. Múmia de 5300 anos é encontrada nos Alpes Italianos. Disponível em: <<https://seuhistory.com/hoje-na-historia/mumia-de-5300-anos-e-encontrada-nos-alpes-italianos> > Acesso em 20/03/2019

LINS, Daniel. A memória tatuada - epifania corporal da ordem comunitária. Revista del CESLA. Polônia, n. 2, p. 150-161, 2001.

LUZ, Juliana. Pitanga e a força do feminino. Disponível em: <<https://www.eusemfronteiras.com.br/pitanga-e-forca-do-feminino/>> Acesso em 06/05/2019

Mundo Estranho. como surgiu a tatuagem? 2011 . Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-surgiu-a-tatuagem/>>Acesso em 20/03/2019

PEDRO, Claudia Bragança; SOUZA, Guedes Olegna. As conquistas do movimento feminista como expressão do protagonismo social das mulheres. I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas. Londrina, 2010. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/1.ClaudiaBraganca.pdf>> Acesso em 24/04/2019

RABINOW, Paul; Rose, Nikolas. Thoughts on the Concept of Biopower Today. BioSocieties, Vol. 1, n2, 2006.

SCHIFFMATCHER, Henk. 1001 tattoos.Taschen, 2005. Amsterdã. 573pg

STRÖMQUIST, Liv. A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado. 2018. 144p.

STRUZIANE, Roberta. ÚTERO: O Segredo do Poder Feminino. 2017. Disponível em: <<https://www.personare.com.br/utero-o-segredo-do-poder-feminino-m8016>> Acesso em 01/04/2019

Universia Brasil. Conheça O Nascimento de Vênus, de William Bouguereau. 2012. Disponível em: <<http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2012/03/16/917998/conheca-nascimento-venus-william-bouguereau.html> > Acesso em 21/03/2019

